

A LINGUÍSTICA APLICADA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS: RUMO A UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA MAIS REFLEXIVA

Norma Lice dos Santos Menezesⁱ

1. INTRODUÇÃO

O ensino e a aprendizagem do espanhol em nosso país é uma prática não muito recente e se intensificou com o advento da globalização que propiciou não só o intercâmbio de informações entre esses povos, como também gerou a necessidade de que a comunicação se estabelecesse estreitando os laços comerciais. Um dos marcos que impulsionaram a ascensão do espanhol foi a assinatura de vários tratados entre o Brasil e seus parceiros latino-americanos. Tais acordos viabilizaram a integração entre essa nação e os países de fala castelhana o que permitiu um diálogo maior entre essas culturas.

Com essa troca de informações culturais, políticas e econômicas surgiram grandes oportunidades de crescimento profissional, e nesse contexto de mudança e conhecimento dos nossos vizinhos a língua espanhola parecia desfrutar de um maior reconhecimento diplomático, científico e político entre os luso-falantes e no mundo, se tornando, assim como o inglês, uma língua imprescindível à causa da necessidade de comunicação.

Dentro desse entorno social o ensino da língua espanhola se torna cada vez mais peça importante e incita várias discussões sobre sua qualidade e a de seus profissionais. Vários estudiosos em nosso tempo teorizam e apontam caminhos para uma aprendizagem mais eficaz e prazerosa dessa língua e sugerem sistemas de ensino que despertem no aprendiz o interesse pelo aprendizado sejam eles de instituições das esferas particulares ou públicas.

Respalado nessas diretrizes teóricas, esse trabalho visa refletir o ensino de língua espanhola nas instituições de ensino regular, em Sergipe, e tratar sobre os problemas enfrentados pelo profissional de línguas em sala de aula. Abordaremos primeiramente a formação acadêmica e continuada dos docentes. Analisaremos como uma formação universitária pautada em teorias lingüísticas e como a formação

continuada do educador são essenciais para se alavancar o sucesso do ensino de línguas estrangeiras nas escolas.

Os capítulos deste artigo discorrem sobre alguns conceitos da Linguística Aplicada (LA), localizá-la no campo das ciências da linguagem e salientar a importância do seu estudo na formação dos professores de línguas por sua relação direta com o processo de aquisição de uma língua estrangeira. Apontaremos as contribuições de Moita Lopes (2008), Almeida Filho (2009), Fabrício (2008) e Pennycook (2008), para os princípios norteadores da pesquisa acerca da Linguística Aplicada contemporânea. Salientaremos a importância da (LA) na formação do professor línguas e como esta interfere no desempenho do profissional em assuntos pertinentes ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, em nosso caso particular, a língua espanhola. Analisaremos sob que perspectivas teóricas os profissionais do ensino de ELE vêm apoiando o seu trabalho e refletiremos sobre uma possível mudança na formação de professores de línguas desde a academia, baseando-se em novos direcionamentos teóricos sobre LA. Concluiremos o artigo explicitando as conclusões obtidas da análise dos dados coletados e trataremos de reforçar o lugar que merece a LA na formação de professores línguas. Os pontos analisados a partir dos questionários são pautados em três pilares: a concepção teórica que permeia as crenças e a prática dos docentes; o seu engajamento em atividades complementares e de iniciação científica; os problemas por eles enfrentados e onde buscam as soluções.

2. A LINGUÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA

Linguística Aplicada é um termo que tem merecido múltiplas interpretações e seu caráter conceitual é descrito por vários autores. Para Almeida Filho (2009) a LA se localiza no campo das ciências humanas e é umas das três ciências da linguagem que:

focaliza especificamente questões da linguagem inseridas na prática social real, distribuídas em subáreas tais como a do ensino-aprendizagem das línguas, a da tradução e interpretação, a da terminologia e lexicografia, e as das relações sociais/profissionais mediadas pela linguagem. (Almeida Filho, 2009: 31)

O tipo de Lingüística Aplicada que o autor se propõe a teorizar é o de uma ciência aplicada interdisciplinar cujo objeto de estudo são os problemas relacionados ao uso social da linguagem em contexto real, dentro ou fora do contexto escolar, que visa a construção de uma teoria do ensino de línguas e objetiva aplicar princípios teóricos com o intuito de resolver problemas educacionais e socioculturais. Enquanto ciência de caráter interdisciplinar a LA dialoga com outras ciências como a psicologia, a antropologia, e a sociologia e até mesmo a lingüística geral e se nutre das suas pesquisas com o intuito de buscar resolver as questões de língua divergindo apenas no que tange ao ensino de línguas, pois busca novas idéias e recursos para descrever os processos do ensino aprendizagem de línguas.

O conceito de LA não é algo que se encerra em si, visto que é uma ciência que está em constante movimento. Há diferentes formas de conceber a LA e a possibilidade de encerrar seu conceito e homogeneizar seus estudos se constitui em uma tarefa difícil. Nessa perspectiva, Moita Lopes (2008) nos traz uma nova forma de conceber a LA. Ele nos propõe novos direcionamentos na área de pesquisa dessa ciência. Em seu texto de abertura *Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica - Interrogando o campo como lingüista aplicado* direciona os estudos da LA para além da distinção entre a aplicação de lingüística e lingüística aplicada e critica a idéia simplória de limitar as funções da LA para a resolução dos problemas relativos à linguagem com que se defrontam professores e alunos em sala de aula. A Linguística Aplicada “indisciplinar” ou “antidisciplinar”, como a denomina, está presente em contextos diferentes dos de sala de aula e em diferentes usos da linguagem, a LA dentro dessa nova perspectiva de estudo procura problematizar ou compreender as questões de língua e não somente buscar possíveis soluções. Dessa forma critica:

Havia nessa perspectiva uma simplificação da área, então entendida como lugar onde encontrar soluções para problemas relativos ao uso da linguagem, apagando a complexidade e efemeridade das situações de uso estudadas, que não necessariamente, se replicam da mesma forma, o que impossibilita pensar em soluções. (Moita Lopes, 2008: 20)

O fato de se propor uma nova visão da LA não quer dizer que os estudos já existentes deixem de ser válidos para o campo, isso significa que a LA assim como toda a ciência se renova e apresenta novos desafios e direcionamentos para seus

investigadores, assim como professores e profissionais de outras áreas do saber que se nutrem dos seus estudos. É relevante salientar que vivemos em um tempo de grande mudança social, política, histórica e cultural e essa modernidade trouxe consigo a necessidade de reflexão em todos os âmbitos da vida humana. Hoje, se fala em uma nova organização mundial, novas tecnologias, novas formas de ver o mundo, e dentro dessa reorganização da sociedade e seu sistema se incluem também novas formas de produzir conhecimento.

Dessa forma os saberes produzidos visam quebrar com os paradigmas do saber pelo saber, o conhecimento produzido em um mundo em constante reflexão e mutação tem que apresentar alguma relevância social. A LA, portanto é ferramenta que ajuda a descrever o homem contemporâneo e sua heterogeneidade inserido em um mundo em constante inquietação e indagação sobre sua identidade.

Entendendo a LA sob essa ótica e concebendo o ensino de línguas como algo que pode ser teorizado e que tem a língua e seus fenômenos como objeto de trabalho, concluímos que a LA é a uma ciência da linguagem na qual os professores de línguas devem fundamentar a sua prática para compreender os problemas de aquisição de língua com os que se deparam. O conhecimento teórico e prático sobre LA vai permitir que o profissional saiba as razões pelas quais faz aquilo que faz e porque obtém os resultados que obtém, e dessa maneira poderá alcançar resultados de aprendizagem satisfatórios.

3. NOVAS TENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

A questão da profissionalização e da formação continuada do profissional do ensino de línguas tem sido tema de atenção merecida no meio acadêmico nos últimos tempos. Ao tentar descrever o perfil do educador do ensino de língua estrangeira, há vários aspectos que devemos levar em consideração, principalmente no que se refere à sua formação acadêmica, sua formação continuada e os resultados de aprendizagem que se tem alcançado com esses profissionais nas redes públicas e privadas de ensino. Antes, porém, de descrever esse perfil, faremos algumas considerações acerca das raízes do ensino de língua estrangeira, em nosso caso particular, o ensino de língua espanhola,

e como o ensino dessa língua vem sendo tratado nas instituições de ensino em nosso Estado.

Em Sergipe, como em muitos Estados do Brasil, a introdução do espanhol como língua estrangeira (ELE) como disciplina no currículo escolar está se tornando uma realidade no seguimento público e privado sustentada pela promessa da lei 11.161/2005 que determina a oferta obrigatória do espanhol nas escolas da rede pública e privada. (Diário Oficial da União nº 151, 2005, s. 1, p. 1).

A formação de professores de espanhol no Estado teve início com a Universidade Federal de Sergipe (UFS) no ano 2000 com a criação do curso presencial de letras com habilitação em língua espanhola. A universidade até então só ofertava os cursos de licenciatura em inglês e francês. Outras instituições universitárias também ofertaram a modalidade como, por exemplo, a Universidade Tiradentes (UNIT) que em 2006 abriu o curso à distância de letras com habilitação em português e espanhol. Com isso, um grande número de profissionais estava sendo lançado em um mercado ainda virgem e, até então, sem grandes oportunidades de fixação laboral e ascensão profissional.

Se fizermos um panorama da situação do ensino de língua espanhola nas escolas, perceberemos que muitos professores formados por estas instituições de ensino superior não têm o perfil do educador pretendido nos seus objetivos gerais e específicos que visam principalmente formar professores reflexivos, interculturalmente competentes e capazes de exercer suas funções intelectuais, investigativas e docentes segundo a orientação curricular regida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e o CNE/CES.

Quando se fala no ensino de línguas estrangeiras nas escolas, imediatamente se remete a um ensino pautado em modelos gramaticais normativos e estruturalistas que foram perpetuados por meio da tradição escolar. Esse padrão de ensino tem sido fortemente criticado por apresentar resultados de aprendizagem ineficientes em que o aluno não produz conhecimento e não apresenta autonomia na aprendizagem, antes recebe informações prontas e as reproduz sem, porém, transformar o que lhe foi ensinado em conhecimento prático.

Vários fatores levam os professores a seguir esse padrão tradicional de ensino, e um deles é atender às necessidades do mercado local de preparar os alunos para realizarem os exames admissionais das universidades. Esse modelo generalizado e

debilmente previsto nos planos escolares acabou estagnando o docente em uma zona de conforto que o impossibilitou refletir sobre suas ações e os seus respectivos resultados. Dessa forma se aprender uma língua estrangeira implica a memorização de regras gramaticais e a perfeita estruturação da frase escrita, porque então aprender uma língua estrangeira se essa não irá ser usada em contextos comunicativos? (Almeida Filho, 2009).

Lamentavelmente, é sob esse sistema tradicional de ensino que muitos profissionais conduzem o ensino de ELE no Estado. Poucos são os profissionais que utilizam a língua espanhola como ferramenta útil para a formação do pensamento crítico do alunado e o ensina a perceber o mundo a través da língua enquanto “objeto” de uso social. Assim, o sistema de ensino de língua estrangeira precisa passar por uma reforma que contemple em seu propósito de ensino conhecimentos úteis para a construção da autonomia do aluno e que una a formação social do educando com o objetivo da escola de formar um cidadão crítico e consciente dos problemas que o rodeiam. (Almeida Filho 2009).

Infelizmente, as universidades não estão conseguindo formar profissionais reflexivos e competentes para atuar na área do ensino de línguas conforme afirma Leffa (2001):

As universidades, até agora, não têm sido capazes de formar profissionais competentes e suficientes para suprir as necessidades do mercado de trabalho. Embora seja talvez um exagero afirmar que a universidade, em vez de formar está deformando o professor (Paiva, 1997), a verdade é que há um desequilíbrio entre a oferta e a procura, envolvendo aspectos quantitativos e qualitativos: a procura por professores é maior do que a oferta de profissionais competentes. (Leffa, 2001:7)

Escrever um artigo cujo objetivo é refletir sobre mudanças ou direcionamentos para a formação acadêmica de um professorado é admitir que exista uma insatisfação em relação ao modelo vigente e, de fato, por tudo o que já foi dito, existe, embora saibamos que a formação do professor de línguas envolva também questões políticas e não somente questões ligadas estritamente à sua formação acadêmica.

As universidades devem adotar iniciativas transformadoras dentro dos seus cursos de graduação e cremos que preencheríamos essa lacuna na formação dos professores introduzindo disciplinas que problematizem e teorizem o ensino de línguas,

como as pesquisas de LA, por exemplo, que são de suma importância na formação acadêmica de qualquer profissional de línguas e ademais é nessa área que um maior número de pesquisas que tem relação com o ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira se leva a cabo. (Celani, 2006).

Essa iniciativa permitirá que o profissional, desde sua graduação, seja iniciado em estudos científicos pertinentes à sua área de atuação, se percebendo um professor pesquisador, o que o tornará mais consciente acerca da sua prática, seguro dos resultados de aprendizagem que pretende alcançar e, conseqüentemente, mais reflexivo quanto à sua contribuição no processo de aprendizagem de uma LE. É importante que o professor de línguas assuma um perfil de pesquisador, de lingüista aplicado, (Moita Lopes, 2008). Contudo, o reconhecimento de seu lugar como lingüista aplicado deve começar a ser amadurecido ainda na universidade enquanto está sendo formado em sua base e não aderir às propostas de formação docente fora da universidade por instituições estranhas à nossa realidade escolar, como afirma Leffa (2001: 7) sobre a formação acadêmica oferecidas pelas instituições de ensino superior. “O resultado é o surgimento de propostas e ações para formar o professor fora da universidade, em escolas de línguas ou instituições estrangeiras de divulgação de outras culturas que atuam dentro do Brasil”.

Concordamos com (Silva, 2008) que as instituições universitárias devem rever seus princípios e objetivos de ensino para formar profissionais versados nas novas teorias da linguagem. Cremos que se os profissionais de ensino de línguas fossem preparados sob a luz da LA enquanto ciência transformadora, a sociedade sofreria profundas mudanças de pensamento e comportamento em todos os seus âmbitos.

4. CONCLUSÃO

As reflexões levantadas neste trabalho visam conferir à LA um lugar de importância na formação acadêmica do docente de línguas, pois defendemos que seja possível minimizar ou erradicar o fracasso permanente do ensino de línguas estrangeiras provendo o profissional de teorias que o possam ajudar a desempenhar seu trabalho de forma satisfatória. As propostas pedagógicas dos PCNs (1998) devem ser abraçadas e

postas em prática para que possamos formar cidadãos capazes de indagar sobre toda e qualquer mudança de cunho político, social e intelectual de forma segura e consciente, de se reconhecer parte do mundo e de construir sua identidade a partir do conhecimento do outro. Vivemos em um mundo repleto de informações, ideologias, identidades e discursos esperando para serem absorvidos e nós como educadores e lingüistas aplicados que somos devemos criar oportunidades de aprendizado e fazer um ensino para a transformação social. A LA, nesse contexto, assume um papel fundamental não só na formação técnica do professor, mas também em sua essência como pesquisador, visto que é uma ciência que se envolve em uma reflexão continua sobre si mesma: um campo que se repensa insistentemente (Pennycook, 2008), ao mesmo tempo em que fomenta e teoriza os problemas sobre o uso real da linguagem em vários âmbitos sociais. Cremos que as mudanças aqui sugeridas, que são ecos de várias vozes, possam quebrar com os paradigmas vigentes e dar continuidade à construção de um sistema de ensino que não passe imune às questões sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de, **Lingüística Aplicada – Ensino de Línguas e Comunicação** – Campinas, SP: Pontes Editores e ArteLíngua 3ª Edição, 2009.

CELANI, **Ensino de Línguas Estrangeiras: Ocupação ou Profissão. In: O professor de Línguas Estrangeiras: Construindo a Profissão.** Pelotas: EDUCAT, 2006.

Diário Oficial da União nº 151, 2005, s. 1, p. 1. Lei 11.161/2005.

<http://ead.unit.br/cursos/espanhol> acessado em 16/12/2010 às 15:00.

<http://letras.cech.ufs.br> acessado em 16/12/2010 às 16:00.

<http://portal.mec.gov.br>. (PCN) acessado em 17/12/2010 às 16:00.

FABRICIO, Branca Falabella. **Linguística Aplicada Como Espaço de Desaprendizagem: Redescrições em Curso.** In: **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial. 2ª Edição, 2008. MOITA LOPES, L. P. (org).

LEFFA, V. J. **Aspectos Políticos da Formação do Professor de Línguas Estrangeiras.** In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O Professor de Línguas Estrangeiras; construindo a profissão.** Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

MOITA LOPES, L. P. **Uma Lingüística Aplicada Mestiça e ideológica: Interrogando o campo como Lingüista Aplicado.** In: **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial. 2ª Edição, 2008. MOITA LOPES, L. P. (org).

PENNYCOOK, Alastrair. **Uma Linguística Aplicada Transgressiva.** In: **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial. 2ª Edição, 2008. MOITA LOPES, L. P. (org).

PARAQUETT, Márcia. **O Papel que Cumprimos os Professores de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) no Brasil.** Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos interamericanos, no 38, p. 123-137, 2009.

SILVA, Myrian Barbosa da. **Novos Horizontes no Ensino de Língua Portuguesa: A Formação do Professor e o Livro Didático.** In: **Saberes Português: ensino e formação docente.** Campinas: Pontes Editores, 2008.

NOTAS

¹ Norma Lice dos Santos Menezes professora graduada em Letras-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e especialista em Língua espanhola pela Faculdade Pio-Décimo. Esse artigo foi apresentado à Faculdade Pio Décimo como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em língua Espanhola sob a orientação da Msc. Doris Cristina Vicente da Silva Matos.